

EX ORIENTE INDIA **(“Tanto bate até que se fura”)**

CARLOS ALBERTO DA FONSECA
Universidade de São Paulo
Brasil

RESUMO. O artigo tem por objetivo rastrear as informações relativas à Índia Antiga, constantes na *Biblioteca*, de Fócio, e recolhidas por esse autor a partir da leitura das obras de Filóstrato de Lemnos, Teofilato, Ctésias de Cnido, Arriano, Eudócia, Damáscio, Himério, Agatárquides de Cnido e Teodoreto. Retomam-se também as fontes que citam os encontros de Sócrates e de Alexandre com filósofos indianos. O artigo inclui uma amostragem do texto de Fócio, com a indicação de fatos diversos pertinentes à Índia.

PALAVRAS-CHAVE. Fócio; *Biblioteca*; relações entre a Grécia e a Índia Antiga; a construção do Oriente na literatura ocidental.

Dois estudiosos das coisas indianas escreveram cada um uma frase lapidar, que correm o mundo nessa releitura que o mundo faz de seu passado e que gostaria de fixar como epígrafes desta minha fala – mais para remarcar a relatividade do lugar de onde se fala sobre algo...

SYLVAIN LÉVI:

“Depuis que la terre est ronde, quel sens peut avoir le mot Orient?”

RAYMOND SCHWAB:

“L’Orient a fini par faire le tour du monde”.

Reorganizando há pouco tempo algumas estantes, caiu-me às mãos um envelope com a legenda *EX ORIENTE INDIA*, em cujo interior redescobri uma ficha sobre uma obra intitulada *Biblioteca*, de um certo Fócio, e cópias xerográficas de quatro artigos, que vou especificar na continuação desta fala. Reexaminando o material, lembrei-me de que meu objetivo anterior ao colocá-los juntos sob aquela rubrica era tomar algum contato ou ter algum

conhecimento, enfim fazer alguma sondagem ainda preliminar sobre o que os gregos antigos teriam escrito a respeito da Índia antiga – sobretudo son-
dar ou detalhar em alguma medida uma certa conversa que teria acontecido
em Atenas... fico imaginando se em algum lugar da Acrópole ou na Ágora,
mais especificamente, entre pedras e oliveiras, ou na Academia, ou mais
indianamente debaixo de uma figueira... uma certa conversa, dizia eu, que
teria havido entre um indiano e nada mais nada menos que Sócrates. O
artigo de R. Godel, intitulado “De Socrate au Sage indien”¹, foi publicado
em 1952 e se constitui num excelente esforço, mas ainda insuficiente, de
imaginação e vasculhagem para a construção verossímil em termos epis-
temológicos de qual poderia ter sido o conteúdo do referido diálogo e o
mapeamento de que elementos constantes dessa conversa poderiam ter
migrado do discurso e do aparato discursivo de um participante para o
outro. Dois artigos de Richard Stoneman, mais recentes, focavam também
em questões de referência filosófica², numa ampliação significativa do le-
que bibliográfico em que o autor busca a palavra grega sobre os indianos.
O último artigo do conjunto, o “La littérature néohellénique et l’Orient”,
de André Mirambel³, traz a questão para a a ambiência da literatura grega
que se fazia na primeira metade do século XX (foi publicado em 1957).
A ficha sobre a obra de Fócio se constituía na verdade mais numa lista
de assombros referidos principalmente nos códices relativos a Ctésias de
Cnido, Arriano e Filóstrato, de que falarei mais adiante. Uma mera lista de
assombros, porém, por ilustrativa e divertida que possa ser, não era mais
exatamente o que me parecia necessário apontar ou extrair: a discussão
da verossimilhança ou do grau ou da natureza da verdade da informação
exigiria uma outra atitude e resultaria num outro trabalho – que teria de
levar em consideração afirmações como a de Ctésias de Cnido, em *Pérsia*,
códice 1.72 da *Biblioteca* de Fócio: anota Fócio que Ctésias “afirma ter
visto com os próprio olhos a maior parte dos fatos que narra ou ter ouvido
sobre eles da boca dos próprios persas quando não os testemunhou” –; uma
passagem desse livro interessa às questões aqui abordadas por citar duas
vezes palavra “indianos” (*indoi*)...

¹ GODEL, R. *De Socrate au Sage indien*. Bulletin de l’Association Guillaume Budé 11 (1952): 3-21.

² STONEMAN, Richard. *Who are the brahmins? Indian lore and cynic doctrine in Palladius’ De Bragmanibus and its models*, Classical Quarterly 44(2), 500-510, 1994; STONEMAN, Richard. *Naked philosophers: the brahmins in the Alexander historians and the Alexander Romance*, Journal of Hellenic Studies 115, 99-114, 1995.

³ MIRAMBEL, André. *La littérature néohellénique et l’Orient*. Bulletin de l’Association Guillaume Budé 16, 108-130, 1957.

Falei linhas acima sobre o grau ou a natureza da verdade da informação, da veracidade, da concretude/realidade do evento referido. Essa checagem levaria a dois tipos, pelo menos, de reconhecimento de erros: os lapsos de memória de Fócio (como quando, resumindo Arriano, *Anábasis*, escreve “Eufrates” em vez de “Indo”), ou quando faz citações falsas ou errôneas já na fonte que ele está resumindo, como exemplifica N.G. Wilson⁴: no códice 3.190, livro de Ptolomeu Queno,

dedica cerca de vinte páginas a essa coleção de informações errôneas e grandemente falsas, e, em vez de as desfazer, afirma que o livro oferece a oportunidade de se reunir em muito pouco tempo um número enorme de fatos que de outro modo seria difícil juntar. Ele afirma, entretanto, que muitas delas são invenções fantásticas ou bizarras e critica o autor por tentar justificar a origem de algumas.

E não é esse o tipo de informação que deles quero extrair.

Assim reunidos, tal como então eu os instigava, um texto confrontando o outro, um texto recusando ou espelhando o outro, eles me faziam pensar nos mecanismos de transmissão da informação no mundo antigo. Vasto formigueiro, mas um de seus aspectos, ou de suas possibilidades, me chamava mais a atenção: como se processava o consumo da informação sobre a Índia que esses textos referiam...

Fócio viveu de c. 810 a c. 893, tendo ocupado por duas vezes o trono de patriarca de Constantinopla e se envolvido na controvérsia religiosa que abriu caminho para o cisma entre as igrejas grega e romana.⁵ Sua obra – a ΒΙΒΛΙΟΘΗΚΗ – se compõe de resumos, resenhas, alguma crítica/apre-

⁴ PHOTIUS. *The Bibliotheca*. A selection translated with notes by N.G. Wilson. London, Duckworth, 1994, p. 12.

⁵ Afirmções de Luciano Canfora, historiador e filólogo italiano, em entrevista a Mário Vitor Santos (“Em busca da memória”), publicada no suplemento MAIS! de 13/02/2000, pp. 18-21: “Fócio é um personagem a quem devemos boa parte do que se conhece de literatura grega – profana e teológica – em prosa. [...] Sua coleção era, na grande maioria, de peças únicas. Com seus alunos, lia os textos, comentava, fazia extratos, juntava em fichários [...]”. Preso em virtude de deliberações do Concílio Ecumênico, reunido em Constantinopla (869), “os livros e notas foram confiscados, uma parte ao menos da coleção foi destruída. A coleção em si era considerada algo terrível. Alguma coisa foi queimada em público, o que é descrito nas atas do concílio de maneira um pouco obscura. Depois da condenação, Fócio conseguiu recuperar as notas de leitura, mas grande parte dos livros havia desaparecido. Ele copiou essas notas e é dessa maneira que nasceu a *Bibliotheca*, cujo título verdadeiro é *Lista razoável dos livros que li*, encontrado em manuscrito em Veneza talvez contemporâneo do autor. É, então, um livro que tem o propósito de salvar os livros que já não existem mais, de salvar a memória desses livros. Há consequências negativas disso. No momento em que as notas foram copiadas os livros já não estavam lá, nem foram incluídas as notas que foram apostas junto ao texto dos livros”.

ciação sobre estilo e conteúdo de 280 livros, que englobam alguns poucos clássicos da literatura ática dos séculos V e IV a.C., muitos do período helenístico ou imperial romano, um certo número de obras bizantinas. Alguns dados a respeito dessa obra são importantes para uma apreciação do lugar privilegiado em que a coloco na história da transmissão do conhecimento sobre a Índia entre os gregos. Não: na história do consumo interno do conhecimento sobre a Índia pelos gregos...

Essa *Biblioteca* é altamente seletiva: seu autor afirma em sua nota final que deixou fora dela livros “cujo estudo pudesse contribuir para as artes e ciências” – o que é bastante vago, mas talvez ele se referisse à literatura médica, científica e técnica, que não comparece em grande número. Estudiosos ou leitores dessa *Biblioteca* reclamam a falta de livros de poesia, e também a falta de Homero e de autores dramáticos. E ali também não há Platão nem Aristóteles (por conseguinte: nem Sócrates) nem Tucídides nem os epicuristas nem os estoicos... nem mesmo Heródoto. O próprio autor afirma em sua dedicatória da obra ao irmão Tarásio: Fócio fora nomeado para uma missão diplomática com a tarefa de estabelecer um tratado com os árabes; a viagem de Constantinopla até quase a outra ponta do Mediterrâneo prometia ser difícil e perigosa; como uma prevenção contra a perda da companhia notável de seu irmão, Tarásio lhe pediu um resumo dos livros que lera. Há quem duvide das afirmações de Fócio a respeito dessa origem de sua *Biblioteca*. Luciano Canfora, um seu leitor nosso contemporâneo, é da opinião de que o acervo/índice desse livro é formado por obras que já o próprio Fócio (ou toda a época) considerava raras – argumento que não se sustenta diante da dedicatória da obra, e não seria possível sustentar a afirmação de que as obras de Ctésias de Cnido e Arriano e Filóstrato, que estão na *Biblioteca*, fossem raras. Cerca de metade das obras que formam esse índice tornou-se rara, ou desapareceu, na sequência da História, e o resumo feito por Fócio é o melhor ou o único meio para conhecimento delas. Certo é que Fócio é bastante econômico em sua dedicatória, e os irmãos tivessem podido conversar várias vezes sobre que obras deveriam ou poderiam ou não ser resumidas.

Aí talvez se pudesse propor algo sensatamente: que a *Biblioteca* contém obras que Fócio sabia que seu irmão Tarásio não conhecia ou às quais não poderia ter acesso. Há que se concordar que se trata de uma situação incomum, que deve ter envolvido bastante pressa na elaboração dos resumos, talvez por essa razão a ausência de qualquer ordem lógica ou temática ou arranjo do conteúdo. Reconhece-se que a ordem dos códices deve seguir o acaso de sua memória já que, como parece ter ocorrido, ele não tinha os livros diante de si e não pôde se preocupar com uma revisão

ou correção, já que em 16 casos resume novamente uma obra já resumida (como a de Filóstrato, nos livros/códices 1.44 e 5.241). Há que se destacar a notabilidade de sua memória, notadamente nos resumos que passam das cinquenta páginas, mas já foi detectado um bom número de erros. O que me atrai aqui, com relação não só à *Biblioteca* de Fócio mas também aos outros autores aqui reunidos, é registrar uma certa “intermitência da memória” com relação às coisas indianas, uma pulsação que se faz da obsessivada reiteração meio obumbrada das coisas indianas referenciadas, sombreamento que parece atingir até mesmo o referenciador moderno.

Todas essas considerações sobre a *Biblioteca* têm sua importância nos estudos que dela se fazem, mas ela ainda precisa ser mais bem estudada, é preciso tratá-la mais filologicamente, não apenas resgatar a informação em si nem apenas fazer dela uma boa tradução. Partindo aqui para os finais daquilo que na *Biblioteca* me interessa, considerando meu pouco tempo para exposição e as condições de sua produção, digo que se trata do reconhecimento da argúcia do olho da memória de Fócio: dada sua “preferência notável” [*sic*] pelos historiadores, seu “gosto particular” [*sic*] pela literatura de viagem e livros sobre o Oriente, essa argúcia pode ser notada a cada palavra de cada resenha – repetindo: resenhas feitas com a obra *in absentia*, de memória –, como por exemplo, quando, resumindo a obra *Sobre São João Crisóstomo*, códice 8.273, de Teodoreto, referindo a cidade de Constantinopla (*basilis pólis*) lembra/cita o que bem poderia ser um detalhe numa enumeração de mercadorias consumidas pela elite, mas que, com o pano de fundo que outras obras vão formando, anota o olho da memória de Fócio, marcando uma espécie de *referendum* do trabalho do santo (sua luta contra a sensualidade/sensorialidade do luxo ou o luxo dos modos cosmopolitas): “A cidade imperial via os bordados da China e os desprezava; ela via as gemas da Índia (*indôn lithous*) e as ignorava; nem a púrpura de Tiro a encantava”. As gemas da Índia como sede da tentação pecaminosa ou pelo menos vexaminosa... Parece uma coisinha de nada, um exercício meio despreocupado de fixação de informações... Qual é, realmente, a efetiva importância de se fixar a informação “preciosas pedras vêm da Índia”?

De todo modo, há de haver algum compromisso com a verdade que pode estar ligado à ausência de poetas no índice dos códices da *Biblioteca* de Fócio. Assim se explica ele num comentário final de seu resumo de *Sobre o mar Vermelho*, de Agatárquido de Cnido, códice 7.250:

O autor se reconhece pessoalmente responsável de convencer como erro o fato de estender a uma obra relativa à realidade a liberdade permitida aos contadores de fábulas. Se não se levar em conta sua demonstração, a história será o mais desprezível dos gêneros porque

terá perdido sua credibilidade. Pois por que não censurar Homero que fala de um conflito entre Zeus e Poseidon quando é impossível a um homem provar que isso aconteceu? Por que não censurar Hesíodo que ousa contar o nascimento dos deuses? Por que não repreender Ésquilo que muitas vezes mentiu e que conta coisas que não se pode admitir? Por que não acusar Eurípides por ter atribuído a Arquelau as façanhas de Têmenos e ter posto em cena um Tirésias que viu mais de cinco gerações? E por que não fazer censura aos outros poetas que, em seus dramas, armam ações impossíveis? Porque todo poeta procura mais agradar do que dizer a verdade.

Seria preciso consultar o texto do próprio Agatárquido para se saber a quem de fato pertence boa parte desse comentário... Se foi feito por Agatárquido, Fócio concorda com ele por omissão, digamos, e talvez por essa razão tenha eliminado os poetas de sua *Biblioteca* memorizada. Se, por outro lado, o comentário for seu ponto de vista, então as coisas mudam de figura na exegese crítica de Fócio e um estudo demorado e detido e sumamente referenciado fica por ser feito.

Mas que livros são esses que estavam na memória viva e ativa de Fócio e que referem a Índia, minimamente que seja [além do Teodoreto, já referido na íntegra]? São poucos, mas seria ocioso e tedioso dizer todos, apesar do espantoso das maravilhas referidas – e prefiro referir apenas um ponto para ilustrar o que desejo.

Fórmula inicial de quase todos os resumos: “lido o livro”, *anagnósthē biblion*... Lidos por Fócio e aqui apenas apontados na ordem em que ocorrem na *Biblioteca*:

- a) o livro *Vida de Apolônio de Tyana*, códice 1.44 (está também em 5.241), de **Filóstrato de Lemnos**, escrito por volta de 220 d.C.;
- b) o livro *História*, códice 1.65, de **Teofilato**, egípcio que viveu no reinado de Heráclio (610-640);
- c) de **Ctésias de Cnido**, médico na corte de Artaxerxes (405-397), os livros *Pérsia* e *Índia*, ambos no mesmo códice 1.72;
- d) o livro *História de Alexandre*, mais conhecido como *Anábase*, códice 2.91, de **Arriano** (c.92-c.175 d.C.);
- e) um livro sem título, códice 2.184, de **Eudócia**, princesa bizantina, esposa de Teodósio II (primeira metade do século V), com paráfrases de livros proféticos de São Zacarias e Daniel e três livros sobre o mártir Cipriano;
- f) o livro *Vida do filósofo Isidoro*, códice 6.242, do neoplatônico **Damáscio**, nascido c. 480 d.C.;

- g) o livro *Diversos exercícios oratórios*, códice 6.243, do sofista **Himério** (315-386 d.C.);
- h) o livro *Sobre o mar Vermelho*, códice 7.250, de **Agatárquido de Cnido**;
- i) o livro *Sobre João Crisóstomo*, de **Teodoreto** (393-457), códice 8.273.

De Ctésias de Cnido, Fócio escreve ter lido o *Índia*, copioso manual de informações, largamente referido por autores que não constam do índice da *Biblioteca*, mas pacientemente anotados por René Henry⁶, o editor de Fócio. Serão referidas aqui apenas as anotações feitas por Fócio de elementos narrados por Ctésias que tiveram repercussão em outros escritores – para termos uma ideia do que é que vai retinindo na memória dos escritores:

- a) “ele diz que o Indo, na parte mais estreita de seu curso, tem quarenta estádios de largura e, na parte mais larga, duzentos” (Arriano, que não esteve no local, apresenta, em sua *História de Alexandre*, reservas com relação a esses números, como nota René Henry);
- b) “dos indianos em si afirma que são, com muita certeza, os mais numerosos de todos os homens” (afirmação rejeitada por Arriano em sua *História de Alexandre* – mas que poderia ser confirmada por vários historiadores da Índia, que costumam afirmar que a população da Índia ao tempo dos Maurya, século IV a.C., já seria comparativamente numerosa);
- c) “fala da gema chamada *pantarba*: 470 gemas e outras pedras preciosas atiradas no rio, pertencentes a um mercador da Bácia, foram atraídas para fora da água por essa pedra num cacho” (anota René Henry que essa pedra também era conhecida por Filóstrato e Heliodoro);
- d) “ele fala dos elefantes rompedores de muralhas, de pequenos macacos de cauda de quatro côvados” (anota René Henry que esses animais – não fica claro se só os macacos ou também os elefantes – eram conhecidos de Eliano e Estrabão);
- e) “fala de galos de tamanho muito grande” (descritos por Eliano, conforme nota René Henry);
- f) “e [fala] do papagaio; ele é dotado de linguagem e de uma voz humana; é do tamanho de um gavião; a frente da cabeça é púrpura;

⁶ PHOTIUS. *Bibliothèque*. Texte établi et traduit par René Henry. Paris, Les Belles Lettres – tome 1, 1959, pp. 105-147; tome 2, 1960, pp. 17-18; tome 5, 1967, pp. 170-201; tome 6, 1971, pp. 8-126; tome 7, pp. 134-189; tome 8, pp. 106-111.

- tem uma barba negra, seu corpo é de cor escura como o cinábrio [sulfeto de mercúrio trigonal] até à garganta; fala o indiano como um homem e, se lhe for ensinado, o grego” (animal referido também por Eliano, Ateneu e Arriano, conforme nota de René Henry);
- g) “o historiador descreve a fonte que se enche todo ano de ouro líquido, colheita que rende cem bilhas por ano; essas bilhas devem ser de terracota, porque o ouro se solidifica depois de extraído e é preciso quebrar a vasilha para o recuperar. A fonte é quadrada, com seis côvados de lado; tem a profundidade de uma braça; cada retirada soma o valor de um talento” (anota René Henry: “segundo Heródoto, os indianos extraem ouro não apenas do subsolo e de cursos de água, mas também de terrenos arenosos guardados por formigas venenosas. Ver Luciano. Para Filóstrato, um indiano declara ignorar essas maravilhas”;
- h) “diz que os cães indianos são de tamanho gigantesco e capazes de lutar até contra um leão” (comenta René Henry que Eliano e Diodoro diz serem eles renomados por seu tamanho e sua força);
- i) sobre os *kynamolgoi*, “que ordenham cadelas”, cf. Eliano, Diodoro, Estrabão, Plínio, Agatárquido de Cnido – mas esses não parecem ser indianos;
- j) sobre o “junco da Índia” (*indikòs kálamos*), ver também Teofrasto, Estrabão, Plínio e Tzetzés.⁷

A memória de Fócio registra, assim, esses elefantes, essas fontes de ouro, a largura e o regime do rio Indo, os papagaios que falam a língua da terra e falariam grego se lhes fosse ensinado, o “junco da Índia”, os cães gigantescos, etc. etc. etc. Mas quero me deter num exemplo mais sério, que mostra particularmente um certo descomprometimento. . .

Teofilato fala de “indianos (*indoi*) de pele branca”. O editor de Fócio, René Henry, anota: “entre os antigos, isso era motivo de curiosidade e de discussão. Ctésias (*Índia*) afirma ter visto cinco deles”. Vamos a Ctésias, lá está:

Ele afirma que não é por causa do sol que os indianos (*indoi*) são negros (*mélanes*), mas por natureza (*phýsei*), pois há entre eles, diz ele,

⁷ Épocas aproximadas em que viveram as figuras citadas: Heródoto, 484-425 a.C.; **Ctésias de Cnido**, 405-397 a.C. (persas sobre indianos); Teofrasto, 372-287 a.C.; Alexandre, 356-323 a.C.; Diodoro, c. 90-c. 30 a.C.; Estrabão, 64/63 a.C.-c. 24 d.C.; Plínio, 23-79 d.C.; **Arriano**, 92-175 d.C. (suas fontes: Calístenes, Onesícrito, Nearcos, Aristóbulo); Luciano, 125-181 d.C.; Eliano, 175-235; **Agatárquido de Cnido**, n. c. 150 d.C.; Ateneu, n. c. 170 d.C.; **Filóstrato de Lemnos**, c. 220 d.C.; **Himério**, 315-386; **Teodoreto**, 393-457; **Eudócia**, c. 400-450; **Damáscio**, c. 480; **Teofilato**, 610-640; **Fócio**, 810-893; Johannes Tzetzés, c. 1110-1180.

homens e mulheres mais brancos que qualquer um, mas em pequeno número: ele teria visto duas mulheres indianas (*indàs gynaiikas*) desse tipo e cinco homens (*ândras*).

Anota René Henry que o mesmo será afirmado por Heródoto 3.101, Arriano 9.13 e Estrabão 15.1.24. E ficamos assim, repetindo e repetindo: os *indoí* são *mélanes phýsei*, mas também *phýsei* alguns são *leukotátous*... Os *indoí* – na generalidade marcada pelo plural – são homens e mulheres *mélanes* e *leukotátous*... A nota de René Henry – “motivo de curiosidade e de discussão” – não esclarece absolutamente nada...

Passo a outro ponto. Ctésias de Cnido, no *Pérsia*, conta que,

na campanha de Ciro contra os derbiques, estes lhe prepararam uma emboscada com elefantes, que lhes eram fornecidos pelos indianos (*indoí*); cavalaria em fuga, Ciro caiu do cavalo e, estando no chão, é atingido pela lança de um indiano (*indoí*) na coxa, ferimento que terminará por matá-lo mais tarde.

Agora os *indoí* são guerreiros... e o plural marcando a generalidade.

Filóstrato de Lemnos conta que “Apolônio permaneceu entre os indianos (*indoús*), que ele também chama de brâmanes (*brakmânas*)”. Se Fócio nada acrescentasse, outra generalização se produziria – a de que todos os *indoús* são *brakmânas* –, mas a continuação não salvaguarda especificidades: “com eles estudou a fundo o essencial de seus conhecimentos sobre os deuses”. Mas quem são esses “eles”?

O mesmo Filóstrato de Lemnos, *by* Fócio, faz outra afirmação duvidosa, ou que leva a dúvidas:

[Apolônio] visitou igualmente os sábios etíopes, que ele também chama de *gymnoús* porque passam toda a vida nus sem que o clima os obrigue a se vestirem. Os sábios da Índia, diz ele, são superiores aos da Etiópia. É por causa de sua permanência no lado do Oriente que sua inteligência é mais penetrante e mais pura; é também porque são mais antigos que ele.

O que segura essa comparação: a cor da pele, não referida explicitamente, mas também a nudez que Filóstrato não refere com relação aos *indoí*, mas essa é uma informação extremamente difundida: os *indoí* vivem nus, eles são os *gymnoús*. Damáscio tem outros dados:

Chegaram brâmanes (*brakmânes*) na casa de Severo, em Alexandria, e ele os recebeu em sua própria casa com as devidas honras; eles ali ficaram levando uma vida muito digna; não procuravam os banhos públicos nem a possibilidade de ver nada do que se passava na cidade,

desinteressando-se de tudo o que acontecesse lá fora. Alimentavam-se de tâmaras e de arroz e sua bebida era a água. Não eram nem brâmanes das montanhas (*óresi brakmánon*) nem indianos que vivem nas cidades (*pólesi indôn*), mas levam muito simplesmente a vida de uns e outros; caso necessário, punham-se a serviço dos brâmanes (*brakmánóis*) em suas relações com as cidades e, por outro lado, a serviço das cidades em suas relações com os brâmanes (*brakmânas*). Diziam, eles mesmos, a respeito dos brâmanes das montanhas (*oreíon brakmánon*), as histórias que os escritores contavam a seu respeito: que, com preces, fazem as chuvas e a seca, que espantam a fome e as doenças e reverterem os males irremediáveis do destino.

O que seriam “brâmanes das montanhas” e “brâmanes das cidades”? Qual a efetiva diferença entre eles, já que “levam muito simplesmente a vida de uns e outros”?

Um problema de menor dimensão mas de pesquisa igualmente necessária. Arriano conta que Alexandre venceu “Porus, rei dos indianos (*indôn basileúonta*) [...] tornou-se senhor dos indianos da região (*oíkoúntas indoús ékheirósato*)”.

Mas deixemos de lado esse entorno alexandrino e vejamos a invenção de um indiano que teria conversado com Sócrates. Nosso informante é R. Godel, e vou deixar a palavra com ele mesmo:

Sócrates procurava. Ele vagava entre os sonhos dos grandes pensadores, seus antigos, num céu de tempestades em que as contradições se entrechocavam como nuvens. Mas, através dessas nuvens baixas que refletiam para ele o mundo da pluralidade, seu espírito tentava encontrar um atalho direto para o imutável, para a radiante vista do sol parmenidiano. Resolvido a nada rejeitar – nem a unidade em benefício do múltiplo, nem o múltiplo em proveito da unidade –, ele tentava chegar à suprema conciliação dos contrários. Empreendimento desesperado e que exige um caminho diferente da escala dialética. Nesse momento de grave crise, viriam as Graças invocadas em seu socorro? Diante da penetrante intuição de Sócrates se abria o caminho do amor – um itinerário traçado através de um campo de luz em que todas as aparências da diversidade se resolvem no brilho da beleza. Se um sábio indiano – um *jívan-mukta* (“liberado vivo”) [imóvel em seu “estado natural” (*sahaja*)] – tivesse atravessado Atenas por volta do século V, teria ele reconhecido em Sócrates [aquele que dizia “*gnóthi seautón*”] um homem estabelecido na experiência última? Ou, pelo menos, um ser privilegiado, chamado a realizá-la um dia? Segundo uma tradição muito antiga, com efeito, um encontro como esse teria ocorrido, e o essencial da conversa que teria acontecido entre os dois é conhecido” [pelo menos Godel o dá por sabido].

A passagem desse visitante indiano por Atenas teria sido atestada por duas autoridades também antigas do calibre de Aristóteles (384-322 a.C.), em seu *Fragm.* 32, preservado por Diógenes Laércio (200-250), e Aristóteno Peripatético (séc. IV a.C.), discípulo de Sócrates, em sua *Vida de Sócrates*, na *Praeparatio Evangelica* (“Preparação para o Evangelho”) 11.3.8, de Eusébio de Cesareia (c. 275-339). Continuando com Godel:

Se se quiser considerar como verídica a versão que nos foi transmitida de seu diálogo com Sócrates, esse indiano foi muito verossimilmente um sábio. Tendo perguntado a seu interlocutor grego qual era sua filosofia, este lhe teria respondido que se esforçava por compreender qual o sentido da vida humana. Ao que o indiano respondeu que esse era um empreendimento tão desesperadamente longo já que o homem na procura de si mesmo ainda não conhecera o divino. Um sábio indiano de hoje confirmaria plenamente essa exortação à transcendência no coração do homem.

Para Godel, o problema que se coloca se resume no seguinte:

o conhecimento espiritual do “transcendente”, que o sábio da tradição upanishádica acredita poder testemunhar, tem seu homólogo na cultura mediterrânea? O conhecimento de si, tal como Sócrates entendia, teria sido considerado pelo sábio indiano uma experiência autêntica do intemporal, da etapa última, o *sahaja*?

Godel reconhece que há diferenças, e na sequência seu texto fica todo armado sobre verbos no condicional...

Richard Stoneman vem todo armado de pesquisa fina, colocando algumas coisas nos lugares – e jogando tudo para o alto... Lembra Stoneman o encontro de Alexandre com os brâmanes indianos, chamados *oxydorkai / oxydracae*, que corresponderiam aos *kshudrakas*, povo indiano da região, associado/aliado aos *mólloi = mallavas*, que aparecem no livro 2 do *Mahâbhârata*. Não fiz essa checagem, mas o dicionário do Monier-Williams não abona esse significado; ali *kshudraka* é apenas o adjetivo “pequeno, diminuto; vil; indigente”. Esse encontro aparece em todas as versões do *Romance de Alexandre*⁸ e nos textos de todos os historiadores (Onesícrito, Nearco, Aristóbolo, Plutarco, Megástenes, Arriano). Quinto Cúrcio os chama *sudracae*; Plínio *sydracae*; Estrabão *hydracae*... O encontro aconteceu em três partes: Alexandre recebe uma

⁸ *Romance de Alexandre*: coleção de lendas relativas às aventuras míticas de Alexandre o Grande; versão mais antiga em grego, século III; no século XVII contavam-se oitenta versões em 24 línguas diferentes; escrito provavelmente em Alexandria por um autor desconhecido falsamente chamado Calístenes, donde Pseudo-Calístenes.

carta dos filósofos na qual esboçam uma teoria que poderia ser descrita como resistência não violenta. Então Alexandre os visita e lhes faz uma série de perguntas/enigmas. Depois, Alexandre pede para encontrar o chefe dos filósofos, Dandamis, que está deitado num leito de folhas cercado de frutos; Dandamis resume seu modo de vida ascético, vivendo das árvores e da água do Eufrates [*sic*] e descreve como deitam com suas esposas uma única vez a cada lua nova até terem dois filhos. Alexandre então lhes oferece presentes e todos pedem a ele imortalidade; Alexandre explica que não a pode dar; oferece a Dandamis ouro, vinho e óleo de oliva; Dandamis aceita o óleo e Alexandre parte.

Na sequência, Stoneman vai alinhavando afirmações e argumentos e contraprovas:

- a) os *oxydorkai*, segundo o *Romance de Alexandre*, não eram guerreiros em sua maioria, mas filósofos que viviam em cabanas e cavernas;
- b) o autor do romance na verdade juntou num só dois encontros que Alexandre teve com indianos: (1) um encontro com filósofos indianos em Taxila na primavera de 326, pouco antes da conquista de Porus (reino no Punjab); e (2) na campanha de Alexandre contra um povo que Arriano e Diodoro chamam de *brakmanes*, que viviam no baixo Indo acima do reino de Musicanuse cuja última fortaleza era a cidade de Harmatelia, talvez antiga Brahmanabad, muito próxima da moderna (e antiga) Mansura, 47 km a nordeste de Hyderabad;
- c) Ctésias (*Índia* 4.9) situa os *sydracae* = *oxydracae* na confluência do Hydaspès (= Jhelum) com o Chenab, o que conflita com sua localização no *Anábase (História de Alexandre)* de Arriano;
- d) Plínio firma que *bragmanae* era o nome aplicado a um grande número de tribos indianas – repetindo uso generalizado de nomes de casta como se fossem nomes de povos, por exemplo os *sodrae* = *xudras*, casta baixa em Diodoro;
- e) mas existiram gregos que compreenderam a correta aplicação do nome brâmanes; um deles foi Nearco, que explicou que os “sofistas” indianos estavam divididos em dois grupos: os brâmanes que atuavam como conselheiros do rei e os ascetas que se ocupavam do estudo dos fenômenos naturais; também Megástenes (embaixador na corte de Candragupta 321-397 a.C.) distinguia entre os brâmanes sacerdotais e os *sramanas* [grego *garmane*] ascetas; no geral, como em Plutarco, os brâmanes no sentido próprio são referidos

- pelos escritores como filósofos ou sofistas; Arriano uma vez faz uma clara identificação, quando refere Alexandre ordenando à morte “aquele brâmanes, filósofos indianos, responsáveis pela revolta de Sambus”;
- f) outro texto que identifica os brâmanes aos *oxydorkai*: *Vida de Apolônio de Tyana*, de Filóstrato; o rei da Índia explica a Apolônio um erro comum: os sábios que Alexandre encontrou eram os *oxydracae*, um povo guerreiro que alimentou falsa pretensão à sabedoria, mas os genuínos sábios moram entre o Hyphasis (moderno Beas) e o Ganges, uma região que Alexandre nunca assaltou/atacou;
- g) na tradição conhecida por Filóstrato, a identificação entre os brâmanes e os *oxydracae* já havia sido feita; na época de Filóstrato, entretanto, não havia mais qualquer dúvida sobre a distinção entre o povo *brakmanes*, a casta *brakmanes* e aqueles descritos pelo termo grego gimnosofistas ou filósofos nus; esses termos haviam chegado a ser intercambiáveis.

À guisa de conclusão, Stoneman estabelece que Alexandre se encontrou sim com um grupo de filósofos nus na Índia, mas eles não eram os *oxydracae* do sul do Indo, mas os filósofos de Taxila – e que com toda certeza deve ter havido dificuldade de comunicação em todos esses encontros... O próprio Onesícrito afirma que precisou usar três intérpretes – número que Stoneman acha demais – “é difícil dizer porque mais de dois tinham de ser envolvidos (‘indiano’ para persa, persa para grego)” –, sem dizer qualquer coisa sobre o que seria esse “indiano”, se sânscrito ou prácrito...

Finalizando seu texto, Stoneman faz alguns apontamentos: T.S. Brown, seguindo Farrand Sayre, sugere que a doutrina cínica foi de algum modo influenciada por ideias indianas, por intermédio de mercadores indianos que visitavam Sínope. Stoneman não vê como esperar que mercadores de qualquer origem pudessem levar ideias ascéticas para o outro lado da Ásia... É bastante possível que algumas ideias indianas fossem familiares na Grécia no século IV a.C. Supôs-se que Pitágoras visitou a Índia, e que Demócrito foi influenciado pelos gimnosofistas de acordo com Diógenes Laércio. Uma visita de *magi* (provavelmente filósofos indianos) a Atenas é mencionada na vida de Apuleio escrita por Platão e por Sêneca; e se diz (Flintoff) que Pirro visitou a Índia e foi influenciado pelo pensamento indiano. Mas o argumento de Brown é curioso: ele começa afirmando que Onesícrito está projetando a doutrina cínica sobre os indianos, mas depois afirma que a doutrina cínica derivou da Índia de algum modo.

Para terminar rapidamente, o texto de André Mirambel – muito mais fascinante do que possa parecer aqui – lembra uma mudança de atitude operada na literatura neo-helênica com relação à ideia e força do Oriente. Num texto de 1888, *Viagem*, de Psichari, um “orientes” é só cor local:

“O sol então se erguia sobre minha vida... Entretanto eu já conhecia esse sol, e muito bem. Foi ele que conheci ainda bem pequeno em Constantinopla, um sol fresco, e não tórrido... Na primavera, às vezes também no verão, em nossa velha casa de Gálata, a casa de pedra, da janela alta, no ponto alto do dia, eu via o sol sobre o Bósforo; ele penetrava nas ondas, se banhava nas águas diamantadas, cobrindo de ouro as distantes colinas. Uma bruma misteriosa, de frescor perfumado, que subia até mim trazida pela brisa aveludada, se expandia sobre meu corpo e me despertava. É preciso ter vivido nessas regiões, desde a infância, para compreender, para sentir e para amar toda a doçura, todo o sentido, geralmente desconhecido, dessa palavra sem igual, mas tão simples: despertar. Sim, a gente desperta e o encanto continua... Fora dali o dia se levanta lentamente, o céu é avaro; ele só nos descobre as coisas uma a uma, amiúde sem limpidez nem brilho. No Oriente e na Grécia é num de repente que se percebe tudo” – para referir que no romance *Alexis Zorba*, por exemplo, de Nikos Kazantzakis, de 1948, no qual se opõem duas concepções: a do homem culto que aderiu ao budismo por renúncia total [uma das representações do “Oriente”] e a do homem do povo grego que considera que a vida é tão simples e tão boa...

Uma certa Índia aí se torna estrutural, como bem pode ter sido na Antiguidade grega – no rolar do dia a dia, sem as confusões intelectuais da memória escrita...

Amostragem de anotações da *Biblioteca de Fócio*

1.44. *Vida de Apolônio de Tyana*, de Filóstrato de Lemnos (ilustrou-se em Atenas na época de Septímio Severo 193-211: (a) “ele conta que Apolônio permaneceu entre os indianos (*indouís*), que ele também chama de brâmanes (*brakmânas*); com eles estudou a fundo o essencial de seus conhecimentos sobre os deuses; visitou igualmente os sábios etíopes, que ele também chama de *gymnoús* porque passam toda a vida nus sem que o clima os obrigue a se vestirem”; (b) “os sábios da Índia, diz ele, são superiores aos da Etiópia; é por causa de sua situação no lado do Oriente que sua inteligência é mais penetrante e mais pura; é também porque são mais antigos que ele” [*também faz parte do tomo 5, códice 241, pp. 170-201*].

1.65. *História*, de Teofilato, egípcio, viveu no reinado de Heráclio (610-640). Falando sobre a cidade de Chubda (situada na Sogdiana/Báctria) e da seda ali produzida, resume Fócio: “ele fala de indianos de pele branca”; diz René Henry em nota: “era, entre os antigos, um assunto de curiosidade ao mesmo tempo que de discussão; Ctésias (*Índia*) afirmava ter visto cinco deles”.

1.72. *Pérsia*, de Ctésias de Cnido, médico na corte de Artaxerxes (405-397): (a) “afirma ter visto com os próprios olhos a maior parte dos fatos que narra ou ter ouvido sobre eles da boca dos próprios persas, quando não os testemunhou”; na campanha de Ciro contra os derbiques (povo que habitava a leste do mar Cáspio), estes lhe prepararam uma emboscada com elefantes, que lhes eram fornecidos pelos indianos; cavalaria em fuga, Ciro cai do cavalo e, estando no chão, é atingido na coxa pela lança de um indiano, ferimento que terminará por matá-lo mais tarde; (b) “ele diz que o Indo, na parte mais estreita de seu curso, tem quarenta estádios de largura e, na parte mais larga, duzentos (Arriano, *Anábase*, tem reservas sobre esses números). Dos indianos em si afirma que são, com muita certeza, os mais numerosos de todos os homens (afirmação rejeitada por Arriano, *Anábase*). Assinala o verme do rio, o único animal que vive em suas águas. Não existe gente depois da terra dos indianos. Diz que não chove na Índia, mas o rio irriga a região. Fala da gema chamada pantarba: 470 gemas e outras pedras preciosas atiradas no rio, pertencentes a um mercador da Báctria, foram atraídas para fora da água por essa pedra num cacho [gema conhecida por Filóstrato e Heliodoro]. Ele fala dos elefantes rompedores de muralhas, de pequenos macacos de cauda de quatro côvados [conhecidos de Eliano e Estrabão], de galos de tamanho muito grande [descritos por Eliano] e do papagaio; dotado de linguagem e de uma voz humana, essa ave é do tamanho de um gavião; a frente da cabeça é púrpura; tem uma barba negra, seu corpo é de cor escura como o cinábrio até à garganta; fala o indiano como um homem e, se lhe for ensinado, o grego [cf. Eliano, Ateneu, Arriano]. O historiador descreve a fonte que se enche todo ano de ouro líquido, colheita que rende cem bilhas por ano; essas bilhas devem ser de terracota, porque o ouro se solidifica depois de extraído e é preciso quebrar a vasilha para o recuperar. A fonte é quadrada, com seis côvados de lado; tem a profundidade de uma braça; cada retirada soma o valor de um talento [nota de René Henry: “segundo Heródoto, os indianos extraem ouro não apenas do subsolo e de cursos de água, mas também de terrenos arenosos guardados por formigas venenosas. Cf. Luciano. Para Filóstrato, um indiano declara ignorar essas maravilhas. Ctésias fala de jazidas de ouro guardadas por grifos]. Ele fala do ferro que se encontra no fundo da

fonte; Ctésias afirma ter possuído duas espadas feitas com esse metal: uma teria sido um presente do rei, a outra um presente da rainha-mãe Parissatis. A propósito desse ferro, ele diz que, se for fincado na terra, ele desvia nuvens escuras, granizo e furacões; afirma que o rei teria realizado essa maravilha por duas vezes diante de seus olhos. Diz que os cães indianos são de tamanho gigantesco e capazes de luta até contra um leão [renomados por seu tamanho e sua força; cf. Eliano e Diodoro. Sobre os *kynamolgoí*, “que ordenham cadelas”, cf. Eliano, Diodoro, Estrabão, Plínio, Agatárquido de Cnido (este resumido por Fócio, código 250)]. Fala de montanhas muito altas de onde se extraem a sardônica, o ônix e as outras gemas. Diz que o calor é extremo nesse país e que o sol aí parece duas vezes maior que em outro lugar: muitas pessoas morrem de sufocação. O mar que banha esse país não é menos agitado, diz ele, que o da Grécia; a água de sua superfície, a uma profundidade de quatro dedos, é tão quente que nenhum peixe pode viver nesse calor, mantendo-se eles abaixo desse nível. Diz que o Indo, ao longo de seu curso, atravessa planícies e montanhas onde cresce a planta chamada “junco da Índia” (*índikòs kálamos*). Sua grossura é tal que, para o enlaçar, dois homens devem estender os braços; sua altura iguala a do mastro de um navio de carga; existem em tamanhos diferentes, como é natural numa montanha tão extensa. Entre esses juncos existem machos e fêmeas. O macho não tem medula e é muito forte, a fêmea tem medula [os elementos dessa descrição aparecem quase iguais em Teofrasto, Estrabão, Plínio, Tzetzés]. O autor fala da *martikora*, uma fera que vive nessas terras. Sua face se assemelha a um rosto humano; tem o tamanho de um leão; sua cor é um vermelho semelhante ao cinábrio. Tem três fileiras de dentes, suas orelhas se assemelham às do homem e dois olhos esverdeados semelhantes aos humanos. Tem a mesma cauda do escorpião terrestre; é munida de um ferrão de mais de um côvado. Também tem ferrões plantados obliquamente de um e outro lado da cauda e um no alto da cabeça, como o escorpião. É com esse ferrão que ele ataca quando alguém se aproxima e quem for atingido morre irremediavelmente. Se for atacado à distância e de frente, ele arremete com a cauda lançando ferrões como um arco e, se atacado por trás, a mantém rija. Ataca numa área de cem pés e mata tudo o que atingir, exceto o elefante. Seus ferrões têm cerca de um pé de comprimento e a espessura de um junco muito fino. Esse animal é chamado em grego antropófago porque, na maior parte das vezes, devora os homens que mata; come também os outros seres vivos; ataca também com as unhas. Os ferrões, diz ainda o autor, voltam a nascer depois que ele os atira. Existem muitas dessas feras na Índia; para as matar, os homens sobem em elefantes e as abatem do alto de sua montaria”.

2.184. De Eudócia (princesa bizantina, esposa de Teodósio II), volume sem título, com paráfrases de livros proféticos de São Zacarias e Daniel e três livros sobre o mártir Cipriano; no segundo desses livros, fala-se do cuidado que Cipriano dedicava desde pequeno aos ídolos, seu culto aos demônios, seu vivo desejo de se dedicar à magia e o treinamento que recebeu e todos os conhecimentos que obteve sobre ervas, plantas e animais de todo tipo. Foi testemunha de diversas aparições de demônios, foi de Atenas a Argos e dali à Frígia, instalando-se em toda parte como ministro dos demônios e reunindo muita gente para praticar magia coletivamente. Continuando, conta que chegou ao Egito com o mesmo objetivo, depois esteve entre os indianos; relata tudo o que viu aí de extraordinário, de estranho, as aparições entre outras coisas.

6.242. *Vida do filósofo Isidoro*, de Damásco: “Chegaram brâmanes na casa de Severo, em Alexandria, e ele os recebeu em sua própria casa com as devidas honras; eles ali ficaram levando uma vida muito digna; não procuravam os banhos públicos nem a possibilidade de ver nada do que se passava na cidade, desinteressando-se de tudo o que acontecesse lá fora. Alimentavam-se de tâmaras e de arroz e sua bebida era água. Não eram nem brâmanes das montanhas nem indianos que vivem nas cidades, mas levam muito simplesmente a vida de uns e outros; caso necessário, punham-se a serviço dos brâmanes em suas relações com as cidades e, por outro lado, a serviço das cidades em suas relações com os brâmanes. Diziam, eles mesmos, a respeito dos brâmanes das montanhas, as histórias que os escritores [pensa-se em Filóstrato] contavam a seu respeito: que, com preces, fazem as chuvas e a seca, espantam a fome e as doenças e reverterem os males irremediáveis do destino. Diziam que também entre eles se encontram unipernícolas e serpentes de um tamanho monstruoso com sete cabeças; contavam ainda muitas outras maravilhas de caráter muito inverossímil”.

6.243. *Diversos exercícios oratórios*, do sofista Himério: (a) “O povo de Atenas decreta o retorno de Ésquino: ele teme como as armas e os combates os ruídos que chegam da Índia”; (b) “Babilônia foi abatida, Dario partiu; ele massacrou os indianos, os persas foram dominados”; (c) “A Ásia em seu conjunto, e não a região que assim chamamos agora dando a uma única de suas partes o nome de todo o continente, começa, no interior das terras, na Índia”; (d) “E um rio, lá, tem uma lenda que merece ser ouvida pelos heleños. Dioniso foi à terra dos indianos, raça que rejeita a graça de Dioniso. Seu exército era de bacantes e de sátiros, suas armas as nébridas e os tisos”.

7.250. *Sobre o mar Vermelho*, de Agatárquido de Cnido: (a) “Ele fala também que a Índia cria elefantes como também a Etiópia, que é vizinha do território da Tebaida, e a Líbia igualmente”; (b) “Nas regiões do sul do Egito

vivem quatro clãs que são os mais importantes [...] o quarto vem da costa e vive da captura de peixes. Esse clã não tem cidades nem o menor rudimento de profissões e, segundo dizem alguns, é o mais importante de todos. Esses comedores de peixe habitam, na verdade, depois do país dos autaios, que ocupam o último canto do país fechado pelo grande mar, estendido até a Índia, a Gedrosia, a Carmânia e a Pérsia, e até as ilhas que dependem das populações que citei; vivem nus e suas mulheres também; a procriação de filhos se faz em comum; têm o conhecimento físico do prazer e da dor, mas a mínima noção do mal e do bem” [também Diodoro]; (c) esse mesmo mar (o oceano Índico) “se estenderia para além da Índia e da Gedrosia”; (d) sobre os trogloditas (parte dos egípcios): “essas pessoas possuem uma cabeleira abundante e usam longas barbas; criam muitos cães enormes como os da Hircânia; com a ajuda deles, caçam os búfalos da Índia que para ali se dirigem a partir do solstício de verão até o meio do inverno”; (e) Sabeia, na Arábia: “nessas ilhas, pode-se ver no cais barcos mercadores dos povos vizinhos; a maior parte vem do lugar em que Alexandre fez construir um porto no Indo; muitos vêm da Pérsia e da Carmânia e de toda a vizinhança”.

TITLE. EX ORIENTE INDIA (*...day by day, it wears itself away*’).

ABSTRACT. The aim of this article is to trace back information about Ancient India, such as registered at Photius’s *Bibliotheca* and gathered by that author from the readings of the works of Philostratus of Lemnos, Theophylact Simocatta, Ctesias of Cnidus, Arrian of Nicomedia, Aelia Eudocia Augusta, Damascius, Himerius, Agatharchides of Cnidus and Theodoret of Cyrus. The sources that mention the meetings between Socrates and Alexander and Indian philosophers are also analysed. This article includes a sample of Photius’s work, emphasizing facts related to India.

KEYWORDS. Photius; *Bibliotheca*; relationship between Greece and Ancient India; views on the East in the Western literature.